

O Cancro

camuccelli

Quando o robô do tamanho de uma criança de cinco anos, voltava para a nave cujo o nome é o Curioso. Viu uma pedra do tamanho de um pires pequeno. Olhou para ela e não se interessou. Continuou a andar em direção à nave a alguns metros a sua frente. Abriu a porta apertando um botão em sua mão, antes que levantasse o pé para subir o degrau, a pedra estava do seu lado esquerdo brilhando. Ele a olhou por segundos, não refletiu, pois robô não pensa, agi. Esticou o braço, e com as garras na ponta pegou-a, retirou de dentro de uma gaveta do seu lado direito um saquinho, onde pôs a pedra. Ao subir a escada jogou-a no meio de outras matérias que tinha recolhido do chão rochoso do planeta Marte.

Assim que entrou na atmosfera, a nave se transformou em uma bola de fogo. Ao invés de ir para o país de origem, alguma coisa aconteceu, e a sua rota foi mudada. Caiu no solo deserto do nordeste brasileiro. Havia uma cidade a algumas horas do lugar onde ela caiu, A cidade ficou alarmada,. Todos os moradores que viram a bola de fogo, ficaram temerosos achando que era castigo do céu. As autoridades, cientistas e jornalistas pegaram seus automóveis e saíram em disparada para onde a nave tinha caído. Uma vez no lá, demarcaram e isolaram o local.

O jornalista fotografava tudo quando avistou a pedra. Intrigado, recolheu-a. Ela foi se transformando em uma coisa fibrosa e tomando todo o seu corpo. Se espalhou pelo seu sistema nervoso. Assim que a ação foi concluída, estatelou-se no chão de uma vez só.

Ao recobrar os sentidos, viu-se preso a em fios. Estava deitado em uma cama no pronto socorro em uma sala vazia. Arrancou-os de uma só vez. Sentou-se à cama por segundos. Olhou para os lados. Levantou-se e andou até a porta, ao abri-la vê o segurança que assustou-se ao vê-lo vestindo uma camisola, agarrou-o pelo braço. Os tendões transferiram se dele para o segurança deixando o corpo do jornalista a beira da porta. O segurança caminhou se ajeitando pelo corredor até chagar ao elevador. Quando a porta abriu, ele entrou e desceu até a garagem, Foi até uma caixa perto da porta de saída, abriu-a e pegou a

chave de um carro. Ligou - o e se foi.

Dirigiu calmo pela avenida até chegar ao aeroporto. Parou o carro na no meio fio, abriu a porta e saiu. Passou pela porta da entrada e foi até o balcão. Examinou cada pessoa no saguão por um bom tempo, o painel de horários ,o embarque e desembarque.

Esquadrinhou cada canto com os olhos ávidos, até encontrar a pessoa que procurava.

Viu-a na fila de embarque caminhando para embarcar. Ele foi se aproximando, se aproximando até chegar perto dela e tocar-lhe nos ombros, ela se volta para ver quem era, os tendões saem do seu corpo e entram na mulher que carregava uma valise de rodinhas. De imediato cai, e o corpo dele fica perto da catraca com os olhos arregalados.. A mulher deu uma rodopiada, mas não caiu, um senhor que estava à sua frente a olhou sem entender,, ela se desculpou e seguiu para o avião. Um tumulto generalizado se formou em volta do corpo do segurança. Um senhor dizendo-se médico examinou-o e disse:-- Morto, está morto! Imediatamente um segurança do aeroporto foi afastando a todos e isolando o local. A mulher não olhou para trás, seguiu com as outras pessoas até entrar no avião..

Todas as ruas fechadas em volta da praça. A pedido da mulher que tinha descido no aeroporto e pegado o primeiro táxi que viu. O motorista parou em uma rua paralela. Ela enfiou a mão na bolsa, tirou o dinheiro e o pagou. Desceu do carro e seguiu atenta por uma viela até avistar o palanque, onde o ex presidente falava para uma multidão alvoroçada. Ele dizia:----Um país que foi arrancado do tronco de uma árvore, teve que vê - lá arder em chamas, para depois. ..depois, separar o brasil das cinzas e soprar. Só então pode ser chamado pelo nome que hoje tem. Mais o "pobrema" não é a cinza, porque o homem de bem renasce das cinzas. O "pobrema" é o povo mal agradecido.---Virou para um dos seus, ele entregou - lhe um copo de plástico, a água no copo era água ardente. Ele bebeu, fez cara feia e prosseguiu:---Vocês devem se lembrar do que fiz por esse povo ingrato. O que me dão em troca? Aplausos, não! Força! ---Falava com a voz já embargada. Ele olha para cima e vê helicópteros sobrevoando o local. A multidão enfurecida, gritava, aplaudia. A mulher conseguiu subir no palanque, depois de cumprimentar alguns, dar Beijos na face por duas vezes, ser gentil. Mas, todas as vezes que ia tocar no ex presidente, alguém a impedia. A senadora não saía de perto, impedia qualquer um que fosse se aproximar dele. Lá pelas tantas, a palestra acabou. O ex

presidente asenou com a mão para a multidão,e entrou por uma porta no fundo do palanque. A mulher ficou tão decepcionada que jogou o copo que segurava no chão. Numa rua detrás do palanque, no carro,dois agentes da polícia aguardavam o ex presidente. A mulher correu para ver se conseguia chegar perto,mas o carro já tinha saído em disparada. Que fora seguido por outros dois.

Naquela noite,houve brigas, mortes, e de tudo um pouco.. Ela foi para o hostel onde se hospedara. Tomou banho, se vestiu ,consultou a agenda. Tinha ouvido falar de uma festa em um clube, homenageariam alguns politicos,e o ministro do tribunal superior que soltava políticos presos por corrupção e empresário denunciados estaria lá. Chegando no local,ela entregou o convite que conseguira à moça da entrada. No salão, música alta.Olhcou para todos os presentes,e viu o ministro.O garçon passou perto dela com a bandeja de bebidas,ela pegou um copo. Foi se aproximando dele com o copo na mão, parou a alguns passos e ficou observando-o.. A hora estava avançada,e outros políticos continuavam chegando. O ministro pediu licença para a pessoa com quem conversava,e se dirigiu ao banheiro, ela o acompanhou com olhar até entrar pela porta. Colocou o copo em cima do banco que viu vago e o seguiu. Segundos depois o ministro sai de lá enxugando as mãos com um lenço.

Alguns minutos mais tarde. Um convidado sai do banheiro apressado, vai até o segurança,chama-o à parte,em segredo conta-lhe o que viu. O segurança chama outro, e seguem para o banheiro masculino. O corpo da mulher com os olhos arregalados jazia no piso frio sem uma gota de sangue. O responsável pelo evento entra esbaforido olha a cena e diz:---Temos que nos livrar disto. Os dois--Aponta para os dois seguranças-- levem o corpo como se essa criatura estivesse bêbada. Vão pelo corredor dos fundos. Sem chamar a atenção,deipos a gente vê.--- Quando ele volta para o salão, o ministro estava se despedindo dos demais. A música tocava ao máximo, muitos dançando, e o responsável andava de um lado à outro sem saber o que é se divertir.

No dia seguinte,o ministro entra em sua sala no supremo,abre o computador para ler as mensagens. Olha a lista de nomes de empresas,pessoas as quais lhe deviam favores. Risca o nome da senadora e do ex presidente. Sai do supremo e vai em direção ao senado. Cruzou a rua apé,, foi por um caminho totalmente o oposto do que costumava fazer quando tinha que ir lá.

Entrou na sala da senadora para o espanto da secretaria. Sem ser anunciado. Convenceu-a a acompanhá-lo até o pátio dizendo que era necessário. A senadora riu e não discutiu, afinal era o ministro. Chegando lá, ele certificou-se de que não havia ninguém por perto. Tocou-lhe nos ombros, os tendões saíram do corpo dele e entraram na senadora. O ministro ficou caído diante da estatua que olhava para a rua. Ninguém viu nada. Só mais tarde encontraram o corpo do ministro frio com os olhos arregalados e a sua pasta perto de seus pés.

A senadora cancelou todos os seus compromissos. Pegou o celular e reservou passagem para a cidade do sul.

Manhã de domingo, o vento assoitava os galhos das árvores em torno do prédio. As pessoas dentro das barracas armadas em cima da calçada diante do prédio se protegiam da forma que podiam. O carro preto parou a alguns passos das delas. A senadora abriu a porta e saiu falando ao celular. Minutos depois, um homem aparece na porta e faz sinal para ela. Era o carcereiro que cuidava dos detidos no interior do prédio.

Assim que o senhor abatido, de barbas branca a viu, começou a chorar. Ela correu e o abraçou, o carcereiro ficou observando de longe. Assim que os tendões saíram dela e entraram no ex presidente, ele deu dois passos para trás, passou a mão na cabeça, segurou em uma cadeira. A senadora foi deslizando pelas barras de ferro até cair sem vida no chão. O carcereiro sem saber o que fazer, não entendia o que estava acontecendo. O instinto o fez retirar as chaves do bolso e abrir a cela. Assim que entrou, o ex presidente agarra-o pelo braço, os tendões saem do corpo dele e passa para o carcereiro. Do lado de dentro fica o corpo do ex presidente caído, do lado de fora o corpo da senadora com os olhos esbugalhados. O carcereiro sai da sala e não fecha a porta. A sirene toca, imediatamente o corredor ficou cheio de policiais que observavam o estranho movimento diante da cela. As duas câmaras nas laterais tinham denunciado à sala de controle. Ninguém viu o carcereiro saindo de lá.

A noite, o noticiário não cansava de anunciar a morte do ex presidente e da senadora. Duas mortes, num domingo de ventos e mistérios. Os dois estendidos um do lado do outro com os olhos arregalados, e sem uma lesão. E o carcereiro não tinha sido encontrado em lugar nenhum. As câmeras registraram os três, mas a causa não. O seu corpo só foi encontrado perto à beira mar no dia seguinte à tarde, com uma pedra do

tamanho de pires médio em sua mão.

Os enfermeiros sentados, alheios só ouviram o berro do jornalista arrancado as mangueiras que levavam soro às suas veias. Um dos dois e o conteve. Colocou-o deitado novamente na cama. Encarando-os, ele parecia apavorado. Via-os como alguém que fossem fazer-lhe algum mal. Aos poucos, foi se aclamando e dormiu.

Camuccelli

Fim

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/o-cancro>